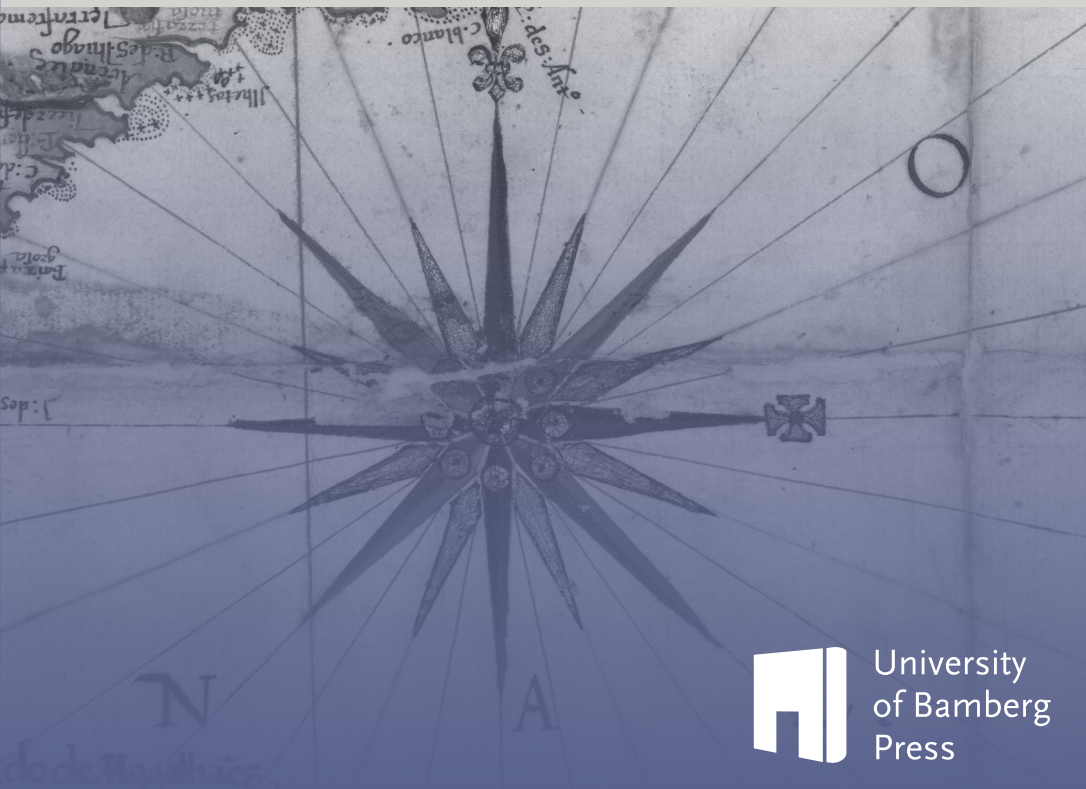


Enrique Rodrigues-Moura (org.)

Letras na América Portuguesa

Autores – Textos – Leitores



University
of Bamberg
Press



Adenda

(2021) Märzhäuser, Christina / Rodrigues-Moura, Enrique. »A Obra nova de Língua Geral de Mina (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto. Edição de um testemunho de língua(s) Gbe em Minas Gerais & Breve estudo do campo semântico 'alimentos'«. In: Enrique Rodrigues-Moura (org.). *Letras na América Portuguesa. Autores – Textos – Leitores*. Bamberg: University of Bamberg Press, 293–301.

ISBN: 978-3-86309-803-2 (Druckausgabe) | eISBN: 978-3-86309-804-9 (Online-Ausgabe)
URN: urn:nbn:de:bvb:473-irb-500631 | DOI: <http://dx.doi.org/10.20378/irb-50063>

A *Obra nova de Língua Geral de Mina* (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto: Edição de um testemunho de língua(s) Gbe em Minas Gerais & Breve estudo do campo semântico «alimentos»

Christina Märzhäuser & Enrique Rodrigues-Moura
München / Bamberg

Apresentação do projeto (*work in progress*) de edição crítica da *Obra nova de Língua Geral de Mina* (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto. Editores: Christina Märzhäuser e Enrique Rodrigues-Moura.¹

Projeto

Edição crítica de dois manuscritos setecentistas de Antonio da Costa Peixoto: *Alguns apontamentos da língua Mina com as palavras portuguesas correspondentes* (1731) e *Obra nova de Língua Geral de Mina* (1741). Trata-se de dois glosários que documentam a presença e a vitalidade de uma língua Gbe (Kwa) na comarca de Vila Rica em Minas Gerais, Brasil, no auge do Ciclo do Ouro. O autor, Antonio da Costa Peixoto, nasceu em Lamas, no norte de Portugal, e foi para o Brasil em 1715, onde acabaria trabalhando como escrivão e juiz de vintena. Manteve contato estreito com a população negra de Minas Gerais e faleceu solteiro em 1763, deixando quatro filhos de quatro mulheres diferentes (cf. Araujo 2013). Esta edição colaciona o manuscrito de 1741 com as edições já existentes: Silveira 1944 e 1945; e estudos de Souza 2001, Castro 2002 e Fernandes 2012. Por sua vez, o manuscrito de 1731 publica-se pela primeira vez. O livro inclui contribuições, em inglês, de Fernando Araujo;

¹ Poster apresentado no 13.º Congresso Alemão de Lusitanistas (13. *Deutscher Lusitanistentag*), que aconteceu na Universidade de Augsburg, de 11 a 14 de setembro de 2019. Uma versão prévia, intitulada »António da Costa Peixoto's *Obra nova de língua geral de Mina* (1731/1741) – A print- and online-edition of an unique historical document on the Ewe-Fon-legacy in Brazil«, foi apresentada no IV Congresso Internacional de Linguística Histórica (Homenagem ao Prof. Dr. Ivo Castro), que decorreu na Universidade de Lisboa, de 17 a 21 de julho de 2017.

Annegret Bollée; Yeda Pessoa de Castro; Alexander Cobbinah, Sandra Furta-do, Marcela Farias Bernardo e Cléa Nunes; Christina Märzhäuser e Dzidula Samla; e Enrique Rodrigues-Moura. Publicar-se-á nas *Edições de Bamberg* (University of Bamberg Press) em formato *open access*, tanto em formato livro como online de livre acesso:

Peixoto, Antonio da Costa (forthcoming 2021). *Obra nova de Língua Geral de Mina*. Christina Märzhäuser & Enrique Rodrigues-Moura (eds). Bamberg: University of Bamberg Press (= Bamberger Editionen)

Manuscrito de 1731 – (Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Códice 3052, F. 2355)

Alguns Apontamentos Da Lingoa Minna com as palauras Portuguezas correspondentes. Manuscrito inconcluso de 14 fólhos numerados. Trata-se de uma versão preliminar do texto definitivo, acabado em 1741: «pode considerar-se como um estágio primitivo do texto redigido dez anos depois» (Silveira *apud* Peixoto 1945: 9-10). Embora conhecido pela crítica, ainda não foi editado nem colacionado com a versão de 1741.

Manuscrito de 1741 – (Biblioteca Pública de Évora, CXVI/1-14)

OBra nova de Lingoa g.^{al} de mina. Manuscrito de 42 páginas numeradas. Foi enviado a Portugal para a sua impressão, como demonstram os paratextos: folha de rosto, poemas dedicados ao autor, dedicatória, prólogo ao leitor, advertência final e colofão. Com o seu labor linguístico, Peixoto também perseguia um intuito econômico, como especifica no fim do manuscrito:

Tenho dado fim aó que premeti, no
princípio deste caderno; e pesso ao dono
delle, o estudo, [...]
E que o não. empreste, nem treslade,
nem dé a tresladar a ninguem, e final
m.^{te} me emculque curiosos p.^a que me
[42] comprem outros velumes, que com
ansia e fervor, fico dando ao prello,
e brevem.^{te} sahirão:

(Peixoto 1741: 41-42).

O texto de Peixoto assume uma perspectiva europeia, interessada em estabelecer certo controle social da economia colonial, no sentido da «Sozialdisziplinierung» de Gerhard Oestreich ou da «gouvernementalisation de l'État» de Michel Foucault:

[...] me rezolvi fazer esta nova tradução. por entender ser de m.^{ta} otellid.^e o saberem todos esta tão. emportante sabedoria:
Poiz hê serto e áfirmo, que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não. tem, souvecem esta lingoage, não. sucede rião. tantos insultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes, e finalm.te cazos atrozes,
[6] Como m.^{tos} miseraveis tem expremen tado: de que me parece de algũa sorte se poderião. evitar alguns destes descom sertos, [...]

(Peixoto, excerto do «Prólogo ao leitor», 1741: 5-6)

No entanto, o texto também permite vislumbrar, em várias passagens, o ponto de vista dos supostos subalternos africanos:

hihábouthomé mánhôhã = terra de Branco não. presta, // Preg.^{to}, anihutú hinharam = pois porque não. presta // Responde; hi hà bouno, hé <chu> nachuhé acrí susú = os br.^{cos} castigão. m.^{to} os escravos

(Peixoto 1741: 29)

Conteúdo do manuscrito

O glossário de Peixoto (1741) inclui além de cerca de 900 palavras, também expressões mais complexas, retratando diversas áreas da vida cotidiana (tarefas domésticas, trabalhos de agricultura, atividades profissionais ou comerciais, e, inclusive, a contagem do ouro) e diálogos, que encenam encontros entre europeus e africanos e africanas. No manuscrito, transcrevem-se algumas palavras que, por opções morais, Peixoto não traduz para o português:

Não. declaro em portuguez, por serem palavras menos desentes a nossa pulícia

(Peixoto 1741: 35).

Valor científico

- 1) Testemunho fundamental da complexa ecologia linguística multilingue presente nas Minas Gerais da América Portuguesa;
- 2) Documento de grande relevância para estudos diacrônicos relativos às línguas Gbe;
- 3) Documento-chave para entender melhor o triângulo sociocultural e econômico do denominado *Black Atlantic* (cf. Gilroy 1995), onde o comércio de escravos, ouro e tabaco, entre o Golfo do Benim, a América Portuguesa e o reino de Portugal, gerou enormes riquezas e propiciou formas de transculturação, criouliização e hibridação de identidades. Este triângulo formou novas e diversas realidades linguísticas, ricas em situações de multilinguismo e de contato de línguas.²

Em abril de 2019, alguns termos do glossário foram reconhecidos, imediatamente, por Nochê Marcela de Naveorualin, Mãe de uma comunidade afro-religiosa em São Paulo, pois formam parte da base da língua litúrgica do seu terreiro, que ela identifica como Fon: «*asim* = água» (Peixoto 1741: 16) [*osin* em Fon moderno]; «*agamvégê* = vinho» (Peixoto 1741: 10) [*ahãve`ve`* (aguardente vermelho) em Fon moderno] (pesquisa de campo conduzida por Christina Märzhäuser, em 2019).

Breve estudo do campo semântico «alimentos»

A análise dos campos semânticos aponta para processos de tradução e aculturação (cf. tb. Castro 2002). As referências culturais do triângulo que constitui o *Black Atlantic* se refletem em numerosos termos presentes nos dois manuscritos (1731 e 1741).

² No decorrer do ano 2021, publicar-se-á o seguinte artigo: Märzhäuser, Christina & Rodrigues-Moura, Enrique. «Linguistic Expression of Power & Subalternity in Peixoto (1741) *Obra Nova de Língua Geral de Mina*». Em: Karen Bennett *et alii* (eds.). *Multilingualism, Lingua Franca and Translation in the Early Modern Period*. London / New York: Routledge. Neste artigo, discute-se a multiplicidade de pontos de vista presentes no glossário de Peixoto. Por um lado, o narrador parece interessado em conseguir um benefício econômico com o seu trabalho, pelo que se aproxima ao discurso do Paço de Lisboa, mas, mesmo assim, não apaga (ou não consegue apagar) as vozes de pessoas escravizadas que denunciam de formas variadas as suas diferentes situações subalternas. O próprio glossário mostra que a condição de pessoa escravizada, nas Minas Gerais do século XVIII, era tudo menos unívoca.

- Referências geográficas a diferentes regiões da África e de Portugal:
máhi gutumê = vou p.^a a Costa da Mina (1741: 24)
máhi aglono toume = vou p.^a Angolla (1741: 24)
aquouquhê = bananas de santo Mê [= S. Tomé] (1741: 9)
touboume = o Reino (1741: 12)
- Contextualização de um hábito cultural e/ou culinário europeu:
avódumcûhi hábouno mádu lamhã = na coesma os br.^{cos} não. comem carne //
énàduguhevi = comem peixe (1741: 29)

O campo semântico dos alimentos e bebidas, que inclui entradas isoladas ou presentes em expressões mais complexas, pode ser dividido nas seguintes subcategorias:

- 1) Animais & produtos derivados;
- 2) Cereais, raízes, vegetais & produtos derivados;
- 3) Especiarias;
- 4) Líquidos e bebidas;
- 5) Tabaco.

Animais & produtos derivados (Peixoto 1741)

lam = carne

Lam mû = carne crua // *lam didã* = carne cozida // *lam mimê* = carne asada //
lam chuchû = carne seca // *lam nhinhoi* = carne podre

nhi = bois

nhi si = vaca fêmea

nhivú = bezerros

→ *nhichòme* = curral de gado

→ *máhigu' nhi* = vou matar Bois

nhilam = carne de vaca

nhitã = cabeça de porco [sic]

nhidô = tripas de boi

nhijou = sebo

nhifô = mucutos

nhinósim = leite

→ *máhisanhinósim* = vou vender leite

nhinósim didã = queijo

Bô = cabra //

elembô = carn.^{ro}

elem si = ovelha

vgam = porcos

vgam si = porca femea

vgam vû = leitóis

vgam zume tom = porcos do mato

→ vgam chôme = chiqueiro

vgam lam = toucinho

vgam dô = lengoisas

vgam tâ = cabessa de porco

vgam jâ = antrecostas

vgam fô = mucutos de porco

vgamjou = banha, ou manteiga

Couculou = galinhaz

couculou sû = galo

couculouvû = pintos

couculou si sâ = capois

→ couculouchôme = galinhr.º

→ máhigucouculou = vou matar galinhas

→ Sácouculourupou námeachô = vendame hũa galinha fiada //

nhimásácouculouch achôhã = eu não. vendo as minhas galinhas fiadas

couculouzim = ovos

Pápáchê = patos

hésé = pombas

[] → máhiguhevi = vou pescar peixe [v. Fon moderno: peixe = huèví
(Castro 2002: 208)]

bèzé = sapos

agázã = caranguejos

A obra nova de Língua Geral de Mina (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto

Edição de um testemunho de língua(s) Gbe em Minas Gerais & Breve estudo do campo semântico «alimentos»

Christina Märzhäuser & Enrique Rodrigues-Moura

PROJETO
Edição crítica de dois manuscritos setecentistas de Antonio da Costa Peixoto: Alguns apontamentos da língua Mina com as palavras portuguesas correspondentes (1731) e Obra Nova de Língua Geral de Mina (1741).

Peixoto, Antonio da Costa (em português). Obra Nova de Língua Geral de Mina. C. Märzhäuser & E. Rodrigues-Moura (eds). Bamberg: University of Bamberg Press = Bamberger Editionen



MANUSCRITO DE 1731
(BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, LISBOA, CÓDICE 3052, F. 2355)
Alguns apontamentos da língua Mina com as palavras portuguesas correspondentes.

Excerto do «Prólogo ao leitor» (1741: 5-6)
O que se quer aqui não he outro senão mostrar ao leitor a verdadeira natureza desta lingua...

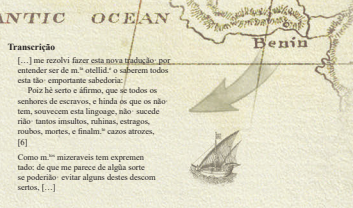
CONTEÚDO DO MANUSCRITO
OBRA NOVA DE LÍNGUA GERAL DE MINA
O glossário de Peixoto (1741) inclui não só cerca de 900 palavras...

VALOR CULTURÍSTICO
1) Testemunho fundamental da complexa ecologia linguística multilíngue presente nas Minas Gerais da América Portuguesa.

REFERÊNCIAS
ABREU, E. C. (2011). The Emergence of 'Third Creoles': Ancestry contact and change. Cambridge: Cambridge University Press.

MANUSCRITO DE 1741
(BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, LISBOA, CÓDICE 3052, F. 2355)
Obra Nova de Língua Geral de Mina. Manuscrito de 42 páginas numeradas. Foi enviado a Portugal para a sua impressão...

Transcrição
[...] me resolvei fazer esta nova tradução: por entender ser de si «utilis» o saber todas as coisas...



BREVE ESTUDO DO CAMPO SEMÂNTICO «ALIMENTOS»
Análise dos campos semânticos aponta para processos de tradução e aculturação (v. B. Castro 2002).
Referências geográficas a diferentes regiões da África e de Portugal...

Animais & produtos derivados (Peixoto 1741)
Lam mi = carne crua / lamdi = carne cozida / lam miini = carne cozida / lam chada = carne crua / lam miini = carne cozida

Categoria: galinha
conculai = galinha
conculai = galinha
conculai = galinha

Peixado = peixe
Peixado = peixe
Peixado = peixe

CONTATO
Christina Märzhäuser (marchaus@uni-muenchen.de)
Enrique Rodrigues-Moura@uni-bamberg.de
Setembro de 2019

Referências

- Aboh, Enoch Oladé. *The Emergence of Hybrid Grammars: language contact and change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- Araujo, Fernando. *Fome do ouro e fama da obra. Antonio da Costa Peixoto e a 'Obra Nova de Língua Geral de Mina' – alianças, proximidades e distâncias de um escritor português no Brasil colonial do século XVIII*, 2013, online [12/07/2019].
- Castro, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: Um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação Pinheiro – Secretaria de Estado da Cultura, 2002.
- Castro, Yeda Pessoa de. «A língua mina-jeje no Brasil, uma língua negroafricana documentada em Vila Rica no século XVIII». Em: Ivana Stolze Lima / Laura do Carmo (eds.). *História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana*. Rio de Janeiro: Nau, 2014, 61-72.
- Fernandes, Gonçalo. «A Língua geral de Mina (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto». *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 43, 2.º sem., 2012, 28-46.
- Foucault, Michel. *Sécurité, Territoire, Population*. Cours au Collège de France. 1977-1978. Paris: Gallimard – Seuil, 2004.
- Gilroy, Paul. *The Black Atlantic*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.
- Lima, Ivana Stolze / Carmo, Laura do (eds.). *História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana*. Rio de Janeiro: Nau, 2014.
- Märzhäuser, Christina / Rodrigues-Moura, Enrique. «Linguistic Expression of Power & Subalternity in Peixoto (1741) *Obra Nova de Língua Geral de Mina*». Em: Karen Bennett et alii (eds.). *Multilingualism, Lingua Franca and Translation in the Early Modern Period*. London / New York: Routledge (no prelo).

- Oestreich, Gerhard. «Strukturprobleme des europäischen Absolutismus». Em: G. Oestreich (ed.). *Geist und Gestalt des frühmodernen Staates*. Berlin: Duncker & Humblot, 1969, 179-197.
- Peixoto, Antonio da Costa. *Obra Nova de Língua Geral de Mina*. Ed. de Luís Silveira. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1944.
- Peixoto, Antonio da Costa. *Obra Nova de Língua Geral de Mina*. Ed. de Luís Silveira; comentário de Edmundo Correia Lopes. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945.
- Petter, Margarida Maria Taddoni. «Africanismos no Português do Brasil». Em: E. Orlandi (ed.). *História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes – Cáceres: UNEMAT, 2001, 223-234.
- Petter, Margarida Maria Taddoni. «Línguas africanas no Brasil». *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, 27-28, 2006/2007, 63-89.
- Petter, Margarida Maria Taddoni / Fiorin, José Luiz (eds.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- Rodrigues, Ayron Dall'Igna. «Obra Nova da Língua Geral de Mina: A língua Ewe nas Minas Gerais». *Papia*, 13, 2003, 92-96.
- Samla, Dzidula / Märzhäuser, Christina. «Ewe-Fon in contact with Portuguese – new insights from Peixoto's 'Obra nova de Língua Geral de Mina'». Abstract for 5th *European Conference on African Studies* (ECAS), Lisboa, 2013.
- Souza, Sílvia Margarete Cunha. *A predicação na «língua geral de mina»: uma proposta de descrição*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2001.
- Yai, Olabiyi Babalola. «Les 'Aguda' (afro-brésiliens) du Golfe du Bénin- Identité, apports, idéologie: Essai de réinterprétation». *Lusotopie*, 1997, 275-284.